

## QUATRO CARTAS SOBRE UMA PRÁTICA DE SI. ANTONIN ARTAUD E PRÁTICAS ARTÍSTICAS.

**RESUMO:** O trabalho apresenta uma investigação teórica entre a obra de Antonin Artaud (2016 e 2011) e uma reflexão sobre a minha própria prática artística em desenvolvimento no mestrado. Utilizando a metodologia de pesquisa de Ribeiro (2017), seleciono três palavras, e os modos de pensar-la, que Artaud desdobra nas suas obras e juntamente com a pesquisa que emerge da minha prática artística, levanto a possibilidade que esse encontro possa criar uma *prática de si*.

**PALAVRAS-CHAVES:** Prática de si; Artaud; Cartas

**ABSTRACT:** The article presents a theoretical investigation between the work of Antonin Artaud (2016 and 2011) and a reflection on my own artistic practice under development in the masters program. Using the research methodology of Ribeiro (2017), I select three words, and the ways of thinking it, which Artaud unfolds in his works and together with the research that emerges from my artistic practice, raise the possibility that this encounter can create a “practice of self”.

**KEYS-WORDS:** “Practice of self”; Artaud; Letters

### **Carta de intenção.**

Rio de Janeiro, seis de julho de dois mil e dezessete. Cara pessoa que lê, espero que de alguma forma possamos estabelecer um diálogo, mesmo que nesse primeiro momento só eu me exprima. À primeira vista pode não fazer muito sentido escrever esse texto como uma carta, entretanto se pretendo estabelecer um diálogo da obra de Antonin Artaud com minha prática artística, essa forma de escrita pode ser instituída pelo fato que uma parte importante de sua obra são cartas. Dessa forma, busco construir um diálogo entre obras, minhas e do Artaud, e entre pessoas, eu que escrevo e você que me lê.

Aqui irei utilizar a metodologia de pesquisa elaborada pela professora doutora Martha Ribeiro dentro de uma disciplina do meu mestrado acadêmico em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA/UFF) que se tornou fundamental para a abordagem à obra de Antonin Artaud. Dentro do universo que constitui as obras do autor, três palavras, e os modos que ele as pensa, chamaram a minha atenção. As palavras são “crueldade”, “peste” e “atletismo afetivo”. Começo uma escavação em sua obra utilizando essas palavras como guias de uma pesquisa e tendo em mente, claro, o meu escopo de ações e limitações como, por exemplo, só ter acesso a suas obras com tradução em português. Em outro movimento, realizo uma análise da minha prática artística colocando-a em confronto com essas palavras de Artaud.

Essa prática artística que eu falo é uma pesquisa em processo chamada *cuidados de si*<sup>1</sup>. *Cuidados de si* é uma série de trabalhos artísticos que exploram um campo de investigação entre o conhecimento do meu próprio corpo e suas condições biológicas, em especial a patológica de eu possuir diabetes<sup>2</sup> tipo 1<sup>3</sup> e a experiência cotidiana de pensar a rotina como um método de trabalho. Assim, a produção artística dessa série é pensada como um diário sobre a relação dessa rotina e essa investigação gerando formas de inscrições desse "cuidado de si" no mundo.

Dentre as palavras de Antonin Artaud que escolhi como guias nos meus estudos, "crueldade" talvez seja a mais forte e mais conhecida. Ela é tão forte que o próprio Artaud(2006) a comenta em seu texto "acabar com as obras primas":

É por isso que proponho um teatro da crueldade. Com esta mania de rebaixar tudo o que hoje pertence a nós todos, "crueldade", quando pronunciei esta palavra, foi entendida por todo o mundo como sendo "sangue". Mas "teatro da crueldade" quer dizer teatro difícil e cruel antes de mais nada para mim mesmo. E, no plano da representação, não se trata da crueldade que podemos exercer uns contra os outros despedaçando mutuamente nossos corpos, serrando nossas anatomias pessoais ou, como certos imperadores assírios, enviando-nos pelo correio sacos de orelhas humanas, de narizes ou narinas bem cortadas, mas trata-se da crueldade muito mais terrível e necessária que as coisas podem exercer contra nós. Não somos livres. E o céu ainda pode desabar sobre nossas cabeças. E o teatro é feito para, antes de mais nada, mostrar-nos isso. (ARTAUD, 2006, p.89)

Dessa forma, Artaud busca instaurar um sentido próprio para a palavra "crueldade". Um pensamento que pode ser observado em outros textos, nos manifestos e cartas que ele escreveu. Essa escrita em sinergia com as suas próprias palavras "cruel antes de mais nada para mim mesmo" que ele destrincha "crueldade" com um rigor amigável ao sinal de qualquer dúvida que possa surgir. De alguma forma essa crueldade me atraiu como uma outra forma de pensar.

A palavra "peste" atingiu-me literalmente como uma peste. Sua aproximação foi invisível durante minha escavação na obra de Antonin Artaud. Quando me dei por mim, já estava com

---

<sup>1</sup> *Cuidados de si* é referência direta ao conceito de cuidado de si estudado por Foucault (In *Hermenêutica do Sujeito*. FOUCAULT, Michel. 2010) e um dos objetos de pesquisa que desenvolvo atualmente.

<sup>2</sup> . Diabetes é uma doença crônica e autoimune na qual o corpo não produz insulina (hormônio que controla a quantidade de glicose no sangue) ou não consegue empregar adequadamente a insulina que produz. O corpo precisa desse hormônio para utilizar a glicose, que obtemos por meio dos alimentos, como fonte de energia.

<sup>3</sup> A tipo 1 é caracterizada pela destruição parcial ou total das células  $\beta$  do pâncreas, resultando na incapacidade progressiva de produzir insulina. Esse processo pode levar meses ou anos, mas somente aparece clinicamente após a destruição de pelo menos 80% da massa dessas células. Inúmeros fatores genéticos e ambientais contribuem para a ativação imunológica que desencadeia esse processo destrutivo.

ela no meu corpo. Mesmo não tendo a intenção consciente de buscá-la, a palavra tomou-me. Em uma carta a André Rolland de Renéville, Artaud(2011) fala como é esse contágio:

O mal da peste toca o corpo e o transforma ao extremo, e o corpo finalmente remanesce intacto; e ao ser tocado parece que o foi não em sua matéria, mas em sua consciência e em sua vontade. Porém, tocado ou não, a peste é igualmente perfeita, com ou sem lesão real do organismo. (ARTAUD, 2011, p.113)

Já contaminado pela palavra “peste” que surgiu, busco uma aproximação dela com minha prática artística com foco em métodos criados por mim e o estudo do meu corpo.

Por fim a palavra “atletismo afetivo” apresentou-se de maneira contrária da “peste”. Eu fui intencional e consciente escolhe-la. O motivo de tal escolha se dá por conta da minha prática artística ter o meu próprio corpo como matéria prima de criação. No texto homônimo à palavra, Artaud(2006) afirma que “o ator é como um atleta do coração.”(p.151). Sendo um atleta, é fácil entender a aproximação que realizo, já que o atleta também usa seu corpo como matéria prima de seu trabalho. Entretanto, é preciso um pouco mais de atenção para entender o significado da parte “do coração” e como isso pode se aproximar com minha própria obra.

Munido dessas palavras e os modos de pensa-la que Artaud desdobra nas suas obras e juntamente ao desenvolvimento da pesquisa que emerge da minha prática artística, levanto a hipótese que esse encontro possa criar uma *prática de si*. *Prática de si* é um conjunto de práticas, exercícios, pensamentos e metodologias inseridas dentro do campo das artes visuais e tem seu eixo central o próprio corpo. O corpo é motor e, ao mesmo tempo, objeto dessa prática. Assim, uma *prática de si* pode ser pensado de um modo que nós nos colocamos como metodologia de nós mesmo, uma virada metodológica no campo da criação e da vida.

Por fim, nas próximas cartas irei explorar como leio a obra de Antonin Artaud, com foco nas palavras escritas anteriormente, e um embate direto com minha prática artística, utilizando alguns trabalhos desenvolvidos ou em processo. E, com isso, expor o que comecei a nomear como *praticade si*. A primeira será a partir da palavra “crueldade” e o pensamento cruel que observo em Artaud. Espero que continuemos até lá juntos. Abraços, AJA.

#### **Carta sobre a Crueldade.<sup>4</sup>**

---

<sup>4</sup> Referência ao texto “Cartas sobre a crueldade” de Antonin Artaud.

Rio de Janeiro, onze de julho de dois mil e dezessete. Olá, como você tem passado? Espero que bem. Dando prosseguimento aos caminhos e hipótese levantada na carta anterior, gostaria de focar o assunto que irei explicar hoje. Nessa carta, queria pensar com você o que seria a palavra “crueldade” dentro da obra de Antonin Artaud e quais são os cruzamentos possíveis que esse pensamento pode gerar em contato direto com minha prática artística.

Nesse momento vamos nos debruçar na palavra “crueldade”. Artaud(2006) no texto “cartas sobre a crueldade” desdobra qual seria seu entendimento sobre, primeiro, o que não seria essa palavra na primeira carta destinada a Jean Pulhan:

Não se trata, nessa Crueldade, nem de sadismo, nem de sangue, pelo menos de modo exclusivo. Não cultivo sistematicamente o horror. A palavra crueldade deve ser considerada num sentido amplo e não no sentido material e rapace que geralmente lhe é atribuído. E com isso reivindico o direito de romper o sentido usual da linguagem, de romper de vez a armadura, arrebentar a golilha, voltar enfim às origens etimológicas da linguagem que, através dos conceitos abstratos, evocam sempre uma noção concreta. (ARTAUD, 2006, p.117/118)

Ele, então, afirma que quando está pensando e usando a palavra “crueldade”, não está colocando-a em um sentido usual. Ele quer ir além, ampliar o sentido, quer o “direito de romper o sentido usual da linguagem, de romper de vez a armadura”, buscar outras formas de pensar a crueldade. Mas então que outra forma é essa? O que seria então esse “sentido amplo”? Artaud (2006) comenta na mesma carta que:

Pode-se muito bem imaginar uma crueldade pura, sem dilaceramento carnal. E, aliás, filosoficamente falando, o que é a crueldade? Do ponto de vista do espírito, a crueldade significa rigor, aplicação e decisão implacáveis, determinação irreversível, absoluta. (ARTAUD, 2006, p.118)

Rigor. Antonin Artaud abre a possibilidade de pensar de outra forma a palavra crueldade quando proclama que ela “significa rigor, aplicação e decisão implacáveis”. Assim, ele esgarça o sentido da palavra, colocando crueldade para além de uma ação. Crueldade, agora, pode agir como um meio, um modo de fazer, uma metodologia. Penso que esse movimento acontece pelo fato dele terminar a carta da seguinte maneira:

A crueldade é antes de mais nada lúcida, é uma espécie de direção rígida, submissão à necessidade. Não há crueldade sem consciência, sem uma espécie de consciência aplicada. É a consciência que dá ao exercício de todo ato de vida sua cor de sangue, sua nuance cruel, pois está claro que a vida é sempre a morte de alguém. (ARTAUD, 2006, p.118)

Ao afirmar que a crueldade é lúcida, Artaud imputa à palavra um modo de operar e esse modo de operar acontece articulado a “uma espécie de consciência aplicada”. Assim, essa outra forma de pensar a crueldade se estabelece diferente do modo “usual da linguagem”, como Artaud escreve e isso se dá na seguinte forma: no sentido usual, crueldade é uma ação ou adjetivo de ação e tal ação está ligada a motivos do campo da emoção e de desejos irracionais, violência sem sentido (sadismo, palavra de Artaud). Agora, ocorre uma virada epistêmica com a crueldade. Quando Artaud afirma que ela “significa rigor, aplicação” e que “é antes de mais nada lúcida”, é retirado esse caráter de adjetivo e abre-se a possibilidade de pensar como um modo de operar. Além disso, para acessar esse modo de operar ainda é preciso ter consciência, uma “consciência aplicada”. Então a atuação conjunta entre a crueldade e essa consciência passa a ser um método.


A crueldade é articulada por Antonin Artaud de maneira intencional, com consciência. Artaud(2006) continua o mesmo texto, agora na segunda carta também destinada a Jean Pulhan, apresentando o que seria essa crueldade e como essa tomada de consciência é fundamental para seu pensamento:

A crueldade não foi acrescentada ao meu pensamento, ela sempre viveu nele; mas eu precisava tomar consciência dela. Uso a palavra crueldade no sentido de apetite de vida, de rigor cósmico e de necessidade implacável, no sentido gnóstico de turbilhão de vida que devora as trevas, no sentido da dor fora de cuja de necessidade inelutável a vida não consegue se manter; o bem é desejado, é o resultado de um ato, o mal é permanente. (ARTAUD, 2006, p.119)

Agora nos é apresentado o uso da crueldade “no sentido de apetite de vida, rigor cósmico e de necessidade implacável”. Há aqui uma dimensão metodológica, um conjunto de regras para serem executadas com “rigor”, “consciência”, a fim de se executar esse “apetite de vida”, assim eu leio.

A partir daqui, gostaria de colocar em conversa esse pensamento sobre a crueldade de Antonin Artaud e minha prática artística, em particular um trabalho realizado nos anos de 2016 e 2017. O título do trabalho é “Trabalho” (figura 1) e foi uma performance com a duração de um ano, março de 2016 à fevereiro de 2017, e tinha como base a relação da tríade corpo/trabalho/performance. A proposta de “Trabalho” consistia em performar em todos os meus dias de trabalho, durante esse período de um ano, no momento de marcação do ponto eletrônico. Essa marcação era realizada a partir da regra de marcar todos os pontos de trabalho na qual a casa dos minutos seja igual a casa do dia de trabalho. Assim, caso o dia seja 01, os

minutos marcados no ponto biométrico serão 01 (9:01, 12:01,13:01 e 18:01), sendo dia 02, os minutos serão 02 (9:02, 12:02, 13:02 e 18:02) e assim por diante. Ao final de cada mês, eu recebia a folha do ponto com as minhas marcações.



**Ponto Secullum**

**CARTÃO PONTO**  
DE 01/03/2016 ATÉ 31/03/2016

Ponto Secullum 4  
Sistema regido pela CLT  
Página 9 de 99  
Emitido em 01/04/2016 às 12:26

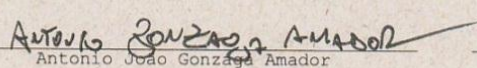
<b>Empresa</b> INSTITUTO ODEON		<b>Horário de Trabalho</b>					
<b>Cnpj</b>	02.612.590/0002-10	ENT 1	SAI 1	ENT 2	SAI 2	ENT 3	SAI 3
<b>Inscrição Est.</b>	ISENTO	SEG	09:00 12:00	13:00 18:00			
<b>Nome</b>	Antonio João Gonzaga Amador	TER	09:00 12:00	13:00 18:00			
<b>Nº Folha</b>	490	QUA	09:00 12:00	13:00 18:00			
<b>Nº PIS/PASEP</b>	20765167586	QUI	09:00 12:00	13:00 18:00			
<b>CTPS</b>		SEX	09:00 12:00	13:00 18:00			
<b>Admissão</b>	01/10/2015	SAB	09:00 12:00	13:00 18:00			
<b>Função</b>	Educador I	DOM	09:00 12:00	13:00 18:00			
<b>Departamento</b>	Educativo						

**OBS**

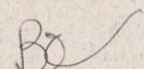
DIA	CARGA	ENT. 1	SAI. 1	ENT. 2	SAI. 2	NORMAIS	NOT.	BCRED.	BDEB.	BTOTAL
01/03/16 - ter		BANCO F	BANCO F	BANCO F	BANCO F					
02/03/16 - qua	08:00	09:02	12:02	13:02	18:02	08:00				
03/03/16 - qui		Folga	Folga	Folga	Folga					
04/03/16 - sex	08:00	09:04	12:04	13:04	18:04	08:00				
05/03/16 - sáb		Folga	Folga	Folga	Folga					
06/03/16 - dom		Folga	Folga	Folga	Folga					
07/03/16 - seg	08:00	09:07	12:07	13:07	18:07	08:00				
08/03/16 - ter	08:00	13:08	16:08	17:08	22:08	08:00				
09/03/16 - qua	08:00	09:09	12:09	13:09	18:09	08:00				
10/03/16 - qui	08:00	09:10	12:10	13:10	18:10	08:00				
11/03/16 - sex	08:00	09:11	12:11	13:11	18:11	08:00				
12/03/16 - sáb	08:00	09:12	12:12	13:12	18:12	08:00				
13/03/16 - dom		Folga	Folga	Folga	Folga					
14/03/16 - seg	08:00	09:14	12:14	13:14	18:14	08:00				
15/03/16 - ter		Folga	Folga	Folga	Folga					
16/03/16 - qua	08:00	09:16	12:16	13:16	18:16	08:00				
17/03/16 - qui	08:00	09:17	12:17	13:17	18:17	08:00				
18/03/16 - sex	08:00	09:18	13:18	14:19	18:18	08:00				
19/03/16 - sáb		Folga	Folga	Folga	Folga					
20/03/16 - dom		Folga	Folga	Folga	Folga					
21/03/16 - seg	08:00	09:21	12:21	13:21	18:21	08:00				
22/03/16 - ter		Folga	Folga	Folga	Folga					
23/03/16 - qua	08:00	09:23	12:23	13:23	18:23	08:00				
24/03/16 - qui		BANCO F	BANCO F	BANCO F	BANCO F					
25/03/16 - feri		09:25	12:25	13:25	18:25			16:00		+16:00
26/03/16 - sáb	08:00	09:26	12:26	13:26	18:26	08:00				
27/03/16 - feri		09:27	12:27	13:27	18:27			16:00		+16:00
28/03/16 - seg	08:00	09:28	12:28	13:28	18:28	08:00				
29/03/16 - ter		BANCO F	BANCO F	BANCO F	BANCO F					
30/03/16 - qua	08:00	09:30	14:30	15:30	18:30	08:00				
31/03/16 - qui	08:00	09:32	12:31	13:31	18:31	08:00				
<b>TOTAIS</b>	<b>144:00</b>					<b>144:00</b>	<b>00:00</b>	<b>32:00</b>	<b>00:00</b>	<b>32:00</b>

(\*) - Batida lançada manualmente      (") - Abono Parcial      (^) - Pré Assinalado

Coluna Horas Extras suprimida manualmente pelo usuário  
Tolerância diária de extras superior a 10 minutos



Antonio João Gonzaga Amador



MARIVANDA BATISTA CERQUEIRA  
ASSISTENTE DE DEPARTAMENTO PESSOAL

Figura 1 – Antonio Gonzaga Amador. Trabalho (detalhe), 2017. Folha de ponto referente ao mês de março de 2016. Fonte: Fotografia do próprio autor.

Como ponto de partida desse trabalho tinha a intenção de explorar duas questões. A primeira questão é referente ao campo do trabalho assalariado e que tem como base um contrato de horas de trabalho. Assim, uma das formas de mensurar o meu trabalho executado na empresa era através dessas horas e, conseqüentemente, a disponibilidade do meu corpo em função disso. A segunda questão era pensar como eu poderia criar uma regra para minha prática artística e executá-la através do meu corpo, ao mesmo tempo em que eu respeitava o contrato de trabalho firmado com a empresa.

Essa experiência produziu um exercício de condicionamento do corpo, primeiro para o horário do trabalho e, depois, recondicionando-o todos os dias a partir da regra criada, para o novo horário. Durante sua realização, a performance gerou um conhecimento do meu próprio corpo e seus limites, devido a eu começar a aprender que horas eu deveria acordar, que horas eu teria que tomar café ou que horas teria que sair de casa para conseguir realizar a regra que tinha estipulado. Uma forma de aprendizagem pelo corpo, tendo o corpo como esse eixo central da matéria de realização do trabalho, tanto nas condições que o corpo respondia a regra criada quando, também, o “erro” acontecia e eu não conseguia realizar a ação, devido a um sinal que demorava mais ou uma pessoa que me abordava no caminho.

Quando coloco, agora, a palavra “crueldade” pensada por Antonin Artaud de frente para o meu “Trabalho” surge algumas zonas de contato. A primeira é a proximidade do processo de execução de “Trabalho” e a crueldade que, para Artaud, “significa rigor, aplicação e decisão implacáveis”. O rigor que ele pensa para a crueldade é o rigor que eu penso como execução da obra. Um exercício de esforço diário para sua realização. Outro ponto de contato é com relação à tomada de consciência aplicada que Artaud escreve e que a experiência de realizar a performance me trouxe. Em “Trabalho”, tive uma tomada de consciência sobre o meu corpo e até onde ele consegue ir quando o coloco na regra que estipulo.

Começo a traçar a partir da experiência de realização de “Trabalho” e em diálogo com a palavra “crueldade” pensada por Antonin Artaud, a hipótese de uma *prática de si*. Nesse contexto específico, a *prática de si* é construída tendo por base a experiência diária da performance, sua realização com rigor, a tomada de consciência do corpo e seus limites dentro das regras específicas. Além disso, um ponto fundante nessa *prática de si* foi o entrelaçamento entre a metodologia da prática artística e a minha vida cotidiana, já que realizava as minhas ações em função de bater o ponto eletrônico. Artaud (2006) em outra carta destinada a Jean Pulhan comenta novamente sobre a crueldade dizendo que:

Portanto eu disse “crueldade” como poderia ter tido “vida” ou como teria dito “necessidade”, porque quero indicar sobretudo que para mim o teatro é ato e emanção perpétua, que nele nada existe de imóvel, que o identifico com um ato verdadeiro, portanto vivo, portanto mágico. (ARTAUD, 2006, p.134)

Crueldade, ou vida, ou necessidade. Nesse jogo de linguagem que Artaud escreve pode ser entendido como um entrelaçamento dessas palavras. Uma possibilidade construtiva no campo da criação onde não sabemos mais onde começa a vida, termina a arte e se passa a necessidade. É nesse campo que visualizo essa *prática de si*. Nessas fronteiras que estão borradas e que são intencionalmente borradas por nós a partir de nossas práticas, metodologias e experiências.

Esses métodos, pensados nesses parâmetros, exigirão o rigor que demandarem. Artaud (2006) escreve no segundo manifesto do teatro da crueldade que “essa crueldade, que será, quando necessária, sangrenta, mas que não o será sistematicamente, confunde-se portanto com a noção de uma espécie de árida pureza moral que não teme de pagar pela vida o preço que deve ser pago.”(p.143). Assim, “não teme pagar pela vida o preço que deve ser pago” podemos ler de outras formas agora. Não teme pagar pela *necessidade* o preço... Não teme pagar pela *crueldade* o preço... Não teme pagar pelo *método* o preço que dever ser pago. Novamente o “rigor, aplicação e precisão implacáveis”.

Por fim, cara pessoa que me lê, chego ao fim dessa carta com esses pensamentos me contaminando. Principalmente o entrelaçamento entre arte e vida, essas fronteiras borradas por nós intencionalmente. E, parafraseando Artaud, como uma peste. Até a próxima carta, com afeto, AJA.

### **Carta sobre a peste ocorrida na rua Riachuelo, 325 apto. 806.**

Rio de Janeiro, quinze de julho de dois mil e dezessete. Saudosa pessoa que me lê, como tem passado? O principal motivo dessa carta é ser um aviso. A peste ronda por nossos tempos e move-se rapidamente. No primeiro semestre desse ano foi quando ela aconteceu na minha casa. Tal peste tem uma característica peculiar de ação. Ela é silenciosa. Não sei qual foi o momento que fui contaminado, nem qual foi o meio de contaminação, pelo ar, pela pele, pela visão. Só soube que estava com a peste quando tive consciência de sua presença em mim.

Artaud (2006) no texto “o teatro e a peste” comenta sobre essa ação que “A peste, portanto, parece manifestar sua presença nos lugares, afetar todos os lugares do corpo, todas as



localizações do espaço físico, em que a vontade humana, a consciência e o pensamento estão prestes e em via de se manifestar.” (p.16). A presença da peste se manifesta em todos esses lugares, inclusive em lugares ditos não físicos como o pensamento, segundo Antonin Artaud. Durante todo esse texto ele narra as formas que a peste acometeu diversas cidades em diferentes épocas, traçando como a ação aconteceu e como as pessoas reagiram contra a peste. Nesse ponto Artaud (2006) compara a peste com o teatro. Quando as pessoas são contaminadas pela peste, suas ações são comparáveis à pessoa que está em cena:

O estado pestífero que morre sem destruição da matéria, tendo em si todos os estigmas de um mal absoluto e quase abstrato, é idêntico ao estado do ator integralmente penetrado e transformado por seus sentimentos, sem nenhum proveito para a realidade. Tudo no aspecto físico do ator, assim como no do pestífero, mostra que a vida reagiu ao paroxismo e, no entanto, nada aconteceu. (ARTAUD, 2006, p.20)

O pestífero que sucumbi sem ter nenhum sintoma na sua matéria é igual ao ator afetado e penetrado nos seus sentimentos, mas “sem nenhum proveito para a realidade”. Essa peste que atua em lugares de “em via de se manifestar”, silenciosa e sem perceber como foi contaminado.

A peste que acometeu meu corpo é semelhante à narrada por Antonin Artaud. Ela contaminou-me durante o processo de prática artística. A mesma prática que comentei na carta anterior que está borrada ou é borrada intencionalmente. A peste instalou-se aqui em um momento que não é definido nas nossas datas e eu só tomei consciência dela durante a análise de um trabalho artístico em processo atualmente.

Dentro da hipótese que eu chamo nessas cartas de *prática de si*, há um trabalho que durante o seu processo de produção levantou questões sobre o corpo e a metodologia de trabalho. O título do trabalho é “Todo sangue que eu tiro do meu corpo para me manter vivo” (figura 2) e tem como motriz a rotina de diabéticos de verificação da glicemia<sup>5</sup> através de exames de sangue diários. Realizo esses exames, em média, cinco vezes ao dia para o meu tratamento. Entretanto, em janeiro de 2017, comecei a fazer um novo movimento que é duplicar a quantidade de sangue que retiro do meu corpo e inscrever essa quantidade em um pedaço de papel. O acúmulo de sangue é mensal e esse trabalho será realizado durante toda a minha vida.

---

<sup>5</sup> Glicemia é a taxa de glicose (açúcar) no sangue.

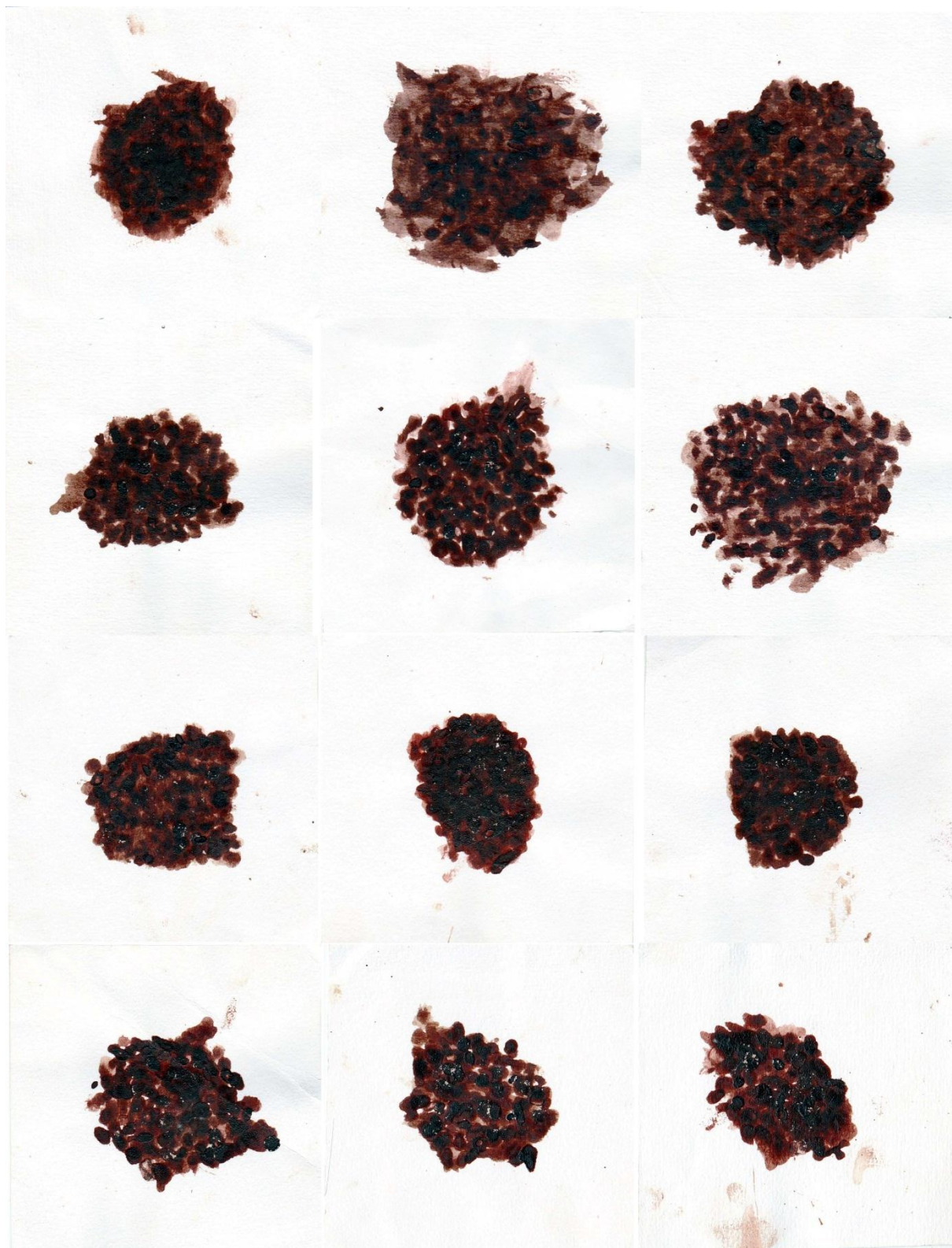


Figura 2 – Antonio Gonzaga Amador. Todo sangue que eu tiro do meu corpo para me manter vivo, 2017. Sangue do artista sobre papel. Cada papel corresponde a um mês e tem a medida de 10cm x 10cm. Fonte: Fotografia do próprio autor.

Esse trabalho evidencia uma questão do comportamento em relação ao tratamento da doença. A partir do momento que você desenvolve a doença e começa o seu tratamento, vários hábitos diários precisam ser mudados em função dele. Um desses hábitos é a realização de vários

exames de sangues diários para a verificação e controle da glicemia. No meu caso, eu realizo em média cinco exames diariamente antes das minhas refeições, o que provocou uma mudança de hábitos e do meu corpo no momento que comecei o tratamento. Assim, o método de tratamento altera meu corpo em relação ao mundo.

Com o trabalho replico esse mesmo método que preciso realizar, só que para um objetivo diferente. Agora trago a tona visualmente toda a quantidade de sangue que retiro do meu corpo, provocando uma nova mudança em meu corpo por essa rotina instaurada em duplicidade. Meu corpo é moldado por um duplo método, um imposto a mim e outro proposto por mim. Aqui, o trabalho é um constante processo. Trago Artaud (2006) novamente quando ele escreve que “o teatro, como a peste, é uma crise que se resolve pela morte ou pela cura.” (p.28), para realizar uma comparação direta com meu processo artístico nesse trabalho que percebendo minha condição artística e patológica como uma “crise”, ela só se resolverá nesse algo que está sempre a chegar. Só acabará com minha morte ou minha cura, literalmente.

Retorno à hipótese de uma *prática de si* a partir desse trabalho para pensar uma condição de criação artística que é construída com e pelo corpo. O corpo como fator estruturante dessa prática e que ele é modificado, moldado, transformando a partir das condições metodológicas. Artaud (2011) em uma carta a André Rolland de Reneville escreve que:

Quando proponho considerar a peste unicamente como uma entidade psíquica, quero dizer que não temos o direito de nos deter nos fenômenos materiais, de petrificar nosso espírito sob formas, unicamente sob formas, e qualquer que seja a perversão orgânica, ela é apenas a onda mais distante, a última ressaca de uma situação vital da qual a consciência, a vontade, a inteligência, participaram algum dia; assim sendo, seria vão considerar os corpos organismos impermeáveis e fixos. Não existe matéria, existem apenas estratificações provisórias de estados de vida, na transformação individual dos quais não é de se surpreender que o espírito, a consciência, a vontade e a razão, cada um por sua vez, intervenham. (ARTAUD, 2011, p.112)

Antonin Artaud considera em vão pensar o corpo como fixo. Ele pode ser permeável, maleável e provisório. Potência de transformação que pode sofrer intervenção do “espírito, consciência, vontade e razão”. Essas intervenções eu leio como possíveis métodos que podem moldar o corpo.

Nesse ponto quero começar a pensar a *prática de si* tendo o corpo como ponto de partida. Um lugar de construção com e pelo corpo. Assim, é preciso se voltar para o corpo e para si. Abraços afetuosos, AJA.

## Carta de um Atleta do coração<sup>6</sup>

Rio de Janeiro, dezanove de julho de dois mil e dezessete. Cara pessoa que me lê, informo que essa é a última carta que lhe escrevo sobre esses assuntos. Espero que não tenha sido enfadonho as suas leituras. Entretanto, essa foi a melhor forma que encontrei de construir um diálogo que envolva a obra de Antonin Artaud, minha pesquisa e quem lê com interesse esse encontro.

Retomo os escritos anteriores para pensar a hipótese de uma *prática de si* que tenha o corpo como seu eixo estruturante. O corpo seria sua matéria prima para criação e também o objeto de ação para o método. A partir do corpo surge a metodologia que será trabalhada com e pelo o corpo.

Dentro da obra de Antonin Artaud (2006) a expressão “Atletismo Afetivo” surge no momento que ele está pensando em como desenvolver o seu teatro da crueldade. O ator é colocado no centro do trabalho da cena teatral e inicia-se um estudo sobre sua performance:

O ator é como um verdadeiro atleta físico, mas com a ressalva surpreendente de que ao organismo do atleta corresponde um organismo afetivo análogo, e que é paralelo ao outro, que é como o duplo do outro embora não aja no mesmo plano. O ator é como um atleta do coração. (ARTAUD, 2006, p.151)

Artaud atribuiu ao ator condição semelhante à de uma atleta no ponto que ambos utilizarão o corpo como campo de ação. Entretanto, ele pontua que o ator trabalha com mais um outro corpo, um duplo constituído de afeto.

Artaud (2006) abre uma possibilidade de pensar como pode ser a prática desse “atleta do coração”. Nesse sentido, ele sugere o uso da respiração como uma ponte entre o corpo físico e o corpo de afetos:

Assim, tive a ideia de empregar o conhecimento da respiração não apenas no trabalho do ator, mas também na preparação ao ofício de ator. - Pois, se o conhecimento da respiração ilumina a cor da alma, com maior razão pode provocar a alma, facilitar seu desenvolvimento. Não há dúvida de que, se a respiração acompanha o esforço, a produção mecânica da respiração provocará o nascimento, no organismo que trabalha, de uma qualidade correspondente de esforço. (...) Assim, pela acuidade aguçada da respiração o ator cava sua personalidade. (ARTAUD, 2006, p.155)

Dessa maneira, com a proposição do conhecimento da respiração tanto no seu trabalho quando na sua formação como ator, podemos pensar que Antonin Artaud propõe um método

---

<sup>6</sup> Referência à passagem de Artaud (2006) “O ator é um atleta do coração.” no texto “Atletismo Afetivo”.

que pode constituir técnicas para se chegar ao equilíbrio entre o corpo físico e seu duplo de afetos.

Vou ao encontro dessa expressão “Atletismo Afetivo” por ver que o pensamento de Artaud ai está colocando o corpo como matéria prima para o trabalho do ator. Assim, com a *prática de si* pretendo construir uma prática artística em contato com essa maneira de pensar. Utilizarei o meu corpo e suas condições específicas como matéria prima no campo da criação, construindo metodologias de ação e produção de técnicas que sejam com meu corpo ou pelo meu corpo. Propondo o seu estudo e abrindo possibilidades de transformações através de práticas artísticas, entendo que meu corpo, também, não é “impermeável e fixo”.

Por fim, trago mais uma vez Artaud (2006) para pensar algo que me é caro. “Tomar consciência da obsessão física, dos músculos tocados pela afetividade, equivale, como no jogo das respirações, a desencadear essa afetividade potencial, a lhe dar uma amplitude surda mas profunda, e de uma violência incomum.” (p.158). No forjar da *prática de si*, a busca por uma consciência é fundante. Por ela, é possível continuar o processo de estudo do próprio corpo e poder desdobrá-lo. Pois, acredito, que quando tomo o pensamento de Antonin Artaud para dialogar comigo, estou desdobrando. Quando penso a minha prática artística como prática de si, estou desdobrando. E sempre tentar perceber que “desdobrar” ainda é “obrar”.

Espero que um dia possamos nos encontrar, para enfim você possa me responder, quem sabe se desejar. Eu, por enquanto, escrevi o que pretendia sobre o assunto. No mais, deixo com você uma parte da carta de Antonin Artaud (2006) a Jean Pulhan que ele escreve sobre a linguagem teatral: “A gramática dessa nova linguagem ainda está por ser encontrada. O gesto é sua matéria e sua cabeça; e, se quiserem, seu alfa e seu ômega.” (p.129). Aqui outro ponto que vejo em sinergia com Artaud, cada um em sua linguagem. Também quero trabalhar com o corpo. A minha prática artística que tem meu corpo como “seu alfa e seu ômega”. Até um dia. Abraços afetuoso, AJA.

## REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e vida**. Org.: J. Guinsburg, Silvia Fernandes Telesi e Antonio Mercado Neto. São Paulo: Perspectiva, 2011.

## **CURÍCULO**

### **Antonio Gonzaga Amador**

Mestrando em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA/UFF). Graduado em Pintura (EBA/UFRJ). Artista visual com interesse em práticas processuais e performática que pensem o estudo do corpo e a criação de metodologias de comportamento e rotinas. Email: [amador.pintura@gmail.com](mailto:amador.pintura@gmail.com)